



Recortes de Imprensa

Setembro 2010

apoio





APAV lamenta morosidade da Justiça

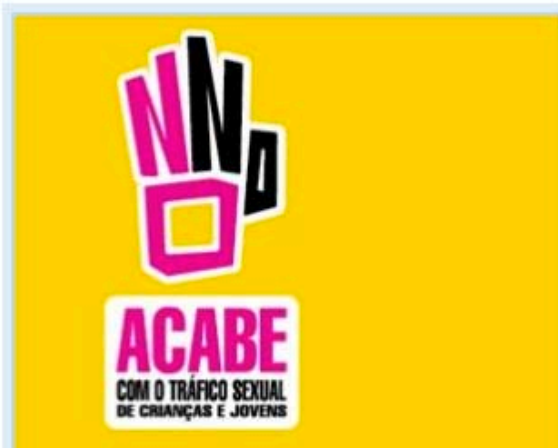
Por **Redacção**

O director executivo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima afirmou, esta sexta-feira, na sequência da leitura da sentença do processo casa Pia, que a morosidade da Justiça «não ajuda ao processo de recuperação da vítima do crime».

João Lázaro disse, em declarações à *TSF*, que, mesmo assim, a condenação do seis dos sete arguidos no processo «pode ter uma importância tão forte e simbólica como o virar da página», «acabar com o processo de vitimização e olhar para o dia seguinte».

«Há aqui todo um desfecho que, para além da decisão em si, é um ponto final, ou pelo menos um aparente ponto final, já que muitas vezes existe toda a fase de recurso a seguir», concluiu.

22:16 - 03-09-2010



9 SETEMBRO, 2010

APAV Açores promove acção de sensibilização sobre tráfico sexual de crianças e jovens

A APAV Açores – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima vai promover, no próximo fim-de-semana, uma acção de sensibilização sobre tráfico sexual de crianças e jovens



Desta forma, a APAV, em colaboração com a loja The Body Shop e com o apoio do centro comercial Parque Atlântico convidam a população a assinar uma petição contra este problema, como sinal de tolerância zero.

Uma iniciativa que tem como principal objectivo alertar e sensibilizar a população para o facto do tráfico sexual de crianças e jovens ser uma realidade. Segundo Helena Costa, gestora da APAV Açores, esta não é uma realidade muito distante, uma vez que no nosso país existe.

Estima-se que todos os anos 1,2 milhões de crianças e jovens sejam traficadas, sendo vítimas de exploração e abusos sexuais. O tráfico humano é o terceiro maior crime a nível internacional.

Apesar desta questão ser diferente nos Açores, não deixa de ser uma realidade portuguesa e, por isso, a APAV considera importante prevenir e alertar para este problema, uma vez que estas redes estão a ganhar cada vez mais força.

A petição contra o tráfico sexual de crianças e jovens poderá ser assinada durante esta acção de sensibilização, que irá decorrer nas imediações da loja the body shop no Centro Comercial Parque Atlântico, sábado e domingo, das 14h30 às 23h30.



ID: 31834428

05-09-2010

Participe na consulta pública sobre a melhoria dos direitos das vítimas de crimes e de violência

A APAV tem sido uma VOZ ACTIVA na defesa e promoção dos direitos, das necessidades e interesses específicos das vítimas.

Neste momento, em que a Comissão Europeia lançou uma consulta pública sobre a melhoria dos direitos das vítimas de crimes e de violência, a APAV, enquanto organização nacional de apoio às vítimas de crime gostaria de contar com a participação de todos/as os/as interessados/as nesta temática.

Por isso, no dia 7 de Setembro, às 15:00, gostaríamos ouvir a sua opinião na sessão de debate sobre a melhoria dos direitos das vítimas de crimes e de violência, a ter lugar nos serviços de Sede na Rua José Estêvão 135-A, Lisboa.

Caso esteja interessado/a em participar neste evento, por favor envie um e-mail para carmenrasquete@apav.pt com os seguintes dados:

- Nome
- Organização e cargo (se aplicável)
- E-mail
- Contacto telefónico

Participe!
Para mais informações sobre a consulta pública: <http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/10/953&format=HTML&aged=0&language=PT&guiLanguage=en>

Cinema



"Morocco" e Marlene Dietrich iluminaram a noite do Queer Lisboa 14

"Morocco" de Josef von Sternberg com Marlene Dietrich e Gary Cooper foi o filme apresentado no Espaço da Memória deste Festival Gay e Lésbico de Lisboa.

Que dizer da presença de Marlene no ecrã, da sua interpretação, da força que dá a cada gesto, a cada olhar? A forma como cruza a perna e olha fixamente a câmara, num olhar pleno de sensualidade? Trata-se de um filme dos anos trinta um dos primeiros de Marlene em Hollywood, mas que já deixava adivinhar aspectos de inovação técnica.

O avançar das tropas da Legião Estrangeira no deserto sugerido pelo deslizar das areias com a imagem de homens e cavalos em sobreposição.

Mas von Sternberg nunca deixou os seus créditos por mãos alheias. Divertida a presença de Gary Cooper, novíssimo, mas com o charme que lhe conhecemos quando mais "crescido", enfim o galã ideal para futuras aventuras.

O documentário a concurso "Postcard to Daddy" realizado por Michael Stock é a narração crua e dura do abuso sexual sofrido pelo realizador pelo seu próprio pai.

Michael, presente na exibição explicou ao público que fez este filme porque sentiu a necessidade de contar a todo o mundo o que lhe tinha acontecido, aquilo em que se tornou em matéria de degradação física e psicológica e ainda a recuperação que conseguiu fazer da sua vida com o apoio e o amor incondicional da mãe.

Michael tem procurado a paz interior e para isso considerou necessário pôr toda a família a falar do caso, incluindo o próprio pai.

É chocante ver este homem, que dentro de si transporta uma magoa imensa, que foi enxovalhado pelo seu próprio pai sem perceber porquê, e que com estas ações só pretende uma espécie de cartase do seu próprio sofrimento.


Michael põe os irmãos a falar, a mãe, mostra o dia a dia de umas férias na Tailândia, onde os momentos de intensa alegria alternam com outros de profunda tristeza numa tentativa de fazer passar uma mensagem: atenção.

No debate que aconteceu após a exibição do documentário estiveram presentes para além do realizador, a mãe, um representante da APAV e da organização "Não te Prives" foram feitas referências comparativas com casos portugueses e feito o pedido: passem a mensagem.

Veja o programa de amanhã [aqui](#).

Últimas **Domingo no quarto é o programa de sábado no Espaço APAV & Cultura**

publicado em 07 Set 2010 - 17:37

 SHARE



© Sara Dias Fonseca

O Espaço APAV & Cultura, na Rua José Estêvão (ao Jardim Constantino), em Lisboa, recebe já no próximo sábado, dia 11 de Setembro, pelas 19 horas, os Domingo no Quarto para um concerto que será de entrada gratuita. Os Domingo no Quarto são um duo formado por Mariano Ricardo (a ex-Pinhead Society que tem tocado em nome próprio e nos München e Minta & The Brook Trout, entre outros) e Manuel Dordio (nome associado a Walter Benjamin, Jesus the Misunderstood e João Coração). Juntos recuperam à sua maneira caseirinha clássicos do samba outrora cantados por poetas da verdade como Cartola, Geraldo Pereira ou Paulinho da Viola (e Nelson Cavaquinho, espero eu). O nome do duo revela também um pouco sobre a melancolia e a estranha ternura dos Domingos, que, de alguma forma, têm marcado presença nas canções de Mariana Ricardo ("Sunday is a common day" é disso exemplo) e na música que tem vindo a compor para filmes como o brilhante *Aquele Querido Mês de Agosto* (porque aquele quarto escuro com astros suspensos tem mesmo qualquer coisa de Domingo).

Miguel Arsénio

migarsenio@yahoo.com



APAV DENUNCIA CRIMES CONTRA CRIANÇAS

Com o regresso às aulas, as crianças voltam a ser o centro das atenções. Pela ocasião, Jornal do Seixal divulga os últimos números da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), que alerta para o facto de cada ano se registarem cada vez mais crimes contra as crianças, conforme explicado pela APAV, “as crianças são sem dúvida uma das categorias das chamadas vítimas particularmente vulneráveis, com necessidades especiais e acrescidas ao nível da prevenção, informação e protecção”.

As estatísticas não enganam mas assustam, já que das quase 6 mil crianças apoiadas pela Instituição nos últimos 20 anos, foram reportados cerca de 9 mil crimes, na sua maioria contra crianças do sexo feminino.

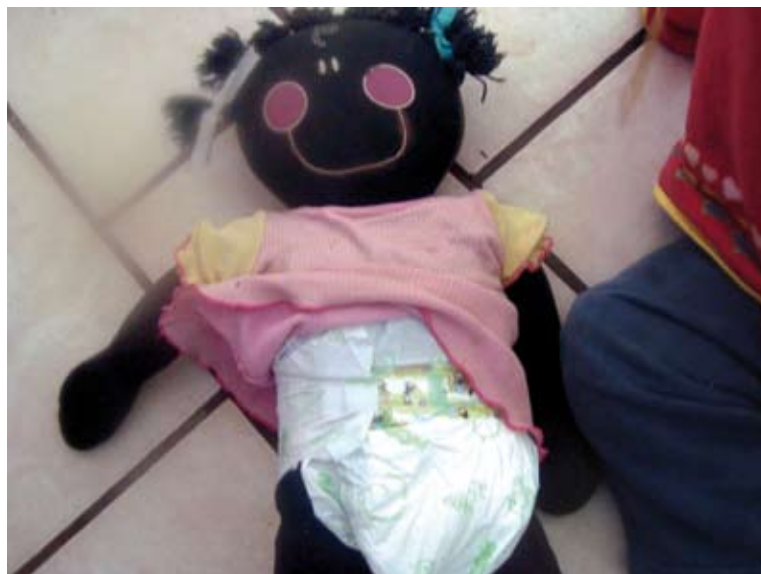
A idade média das vítimas situa-se entre os 11 e os 17 anos, sendo os principais crimes de ordem sexual, um facto que dificulta o auxílio da APAV não só

por muitos iniciarem na Internet (o que dificulta a investigação), como também pelos que ocorrem em contexto escolar (o chamado bullying).

Outra realidade preocupante é o facto de cada vez surgirem mais vítimas com menos de 4 anos de idade.

A Instituição não tem dúvidas! Cada ano se registam mais crimes contra as crianças, pelo que o combate pela protecção e promoção dos direitos das crianças e jovens vítimas de crimes tem de ser feito em várias frentes.

Para o efeito, a APAV criou Gabinetes de Apoio à Vítima (atendimento, apoio e acompanhamento de crianças e jovens) e um conjunto de actividades específicas de prevenção e sensibilização, como o Projecto IUNO (sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual), o Projecto Musas (concepção e produção de módulos de formação para profissionais que lidam com crianças vítimas



de crimes em contexto escolar e de crimes rodoviários), o Projecto 4D (prevenção integrada em contexto escolar), o Projecto 100violência (Prevenção da Violência na Comunidade Escolar e a presença em várias Comissões de Protecção de Crianças e Jovens).

É através de todo este trabalho que a APAV procura apoiar as crianças vítimas de crimes, para que as suas vozes não continuem a ser quase inaudíveis e que o seu sofrimento não permaneça escondido.

Mónica Almeida

● **Um Seminário sobre as vítimas do terrorismo** – Nos dias 21 e 22 de Outubro de 2010 realiza-se o Seminário "Victims of Terrorism in Europe", em Lisboa (Hotel VIP Grand Lisboa), oportunidade para investigadores e profissionais - designadamente jornalistas - interessados no tema do Apoio às Vítimas de Terrorismo e aos seus familiares e amigos. O Seminário centrar-se-á em duas abordagens: o papel dos Órgãos de Comunicação Social e o papel das Organizações de Apoio à Vítima. No primeiro dia do evento, os participantes terão a oportunidade de ouvir o testemunho pessoal de várias vítimas de Terrorismo e de lhes colocar algumas questões. Será também apresentado um manual de procedimentos sobre apoio a vítimas de Terrorismo, suas famílias e amigos. O evento será organizado pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), em colaboração com a Rede Europeia das Vítimas de Terrorismo (NAVT), no âmbito do Projecto PAX, co-financiado pela Comissão Europeia através do Programa Prevenir e Combater a Criminalidade.



Petição contra o tráfico sexual de crianças e jovens

A APAV Açores – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em colaboração com a *The Body Shop* e com o apoio do Centro Comercial Parque Atlântico, irá promover uma ação de sensibilização sobre tráfico sexual de crianças e jovens. Esta iniciativa decorrerá em Ponta Delgada, no Centro Comercial Parque Atlântico, este fim de semana.

A APAV Açores e a *The Body Shop* convidam todos a assinar esta petição contra o tráfico sexual de crianças e jovens, como sinal de tolerância zero. A petição estará disponível nas lojas *The Body Shop*, mas também poderá ser assinada durante a ação especial que vai ocorrer em Ponta Delgada, nas imediações da loja *The Body Shop* no Centro Comercial Parque Atlântico, nos dias 11 e 12 de setembro, das 14h30 às 23h30.

A petição poderá ser assinada online no endereço:
<http://www.peticaopublica.com/?pi=STOPTSCJ>

RAPARIGA DE 18 ANOS PROVOCA DISTÚRBIOS EM CASA E PSP DE PORTIMÃO TEVE DE INTERVIR**Agentes da esquadra da PSP de Portimão tiveram de imobilizar a jovem**

Jovem agride familiares

■ A PSP de Portimão foi ontem obrigada a intervir para pôr cobro a alegadas agressões de uma jovem de 18 anos contra familiares nesta cidade.

Segundo fonte policial, a rapariga estaria em situação de grande descontrolo e os agentes tiveram mesmo de usar a força para a imobilizar, mantendo-a sob vigilância

até que se acalmasse. As vítimas dos ímpetos da rapariga foram a sua mãe e uma irmã mais velha, que terão sofrido escoriações.

A Polícia procedeu à identificação da referida jovem e encaminhou as vítimas para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). O caso foi comunicado ao Ministério Público. ■ J.C.E.

Terceira idade

Aumenta o número de idosos abandonados pela família nos hospitais

Problemas. Doenças provocam dependência nos mais velhos, e familiares dizem não ter condições para os receber. Só no Amadora-Sintra há 43 idosos internados que já tiveram alta

LÚFS MANETA

O número de idosos abandonados nos hospitais não pára de aumentar. Só no Amadora-Sintra há 43 idosos – e também cinco crianças – que já tiveram alta clínica mas permanecem internados por “motivos sociais”. No Hospital de São João, no Porto, os casos de “protelamento de alta” estão a aumentar desde o segundo trimestre do ano. E até o Hospital de Beja diz existir um “número crescente de famílias que se recusam a aceitar doentes dependentes”.

São casos como os de idosos deixados nos serviços de urgência com o cartão de utente sobre o peito, familiares que “desaparecem” e não atendem os insistentes telefonemas feitos pelas assistentes sociais e vidas marcadas pela miséria e pelo abandono que acabam numa cama de hospital.

“Temos cada vez mais casos de famílias que não levam os doentes para casa. O ano passado foram 64 casos. Mas este ano há muitos mais”, diz Cristina Nobre, assistente social no Hospital José Joaquim Fernandes, de Beja. “Quando o médico efectua a avaliação clínica e diz

que um idoso pode fazer a sua reabilitação em casa, às vezes, com necessidade de algum tipo de apoio domiciliário, há famílias que se recusam a aceitar a decisão. Não levam os doentes e vão protelando a sua permanência no hospital o mais possível.”

Para quem fica, o sentimento de abandono é indizível. “Há pessoas que se sentem completamente desamparadas, nunca pensaram que os filhos ou outros familiares as pudessem deixar numa situação destas”, refere Cristina Nobre. E acrescenta que existe “uma grande pressão” para o encaminhamento dos doentes para as unidades de convalescença ou de média e longa duração da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI), cuja resposta é insuficiente (*ver texto nesta página*).

“A população idosa apresenta na sua maioria situações de dependência que acarretam encargos muito significativos para qualquer família”, explica fonte da Unidade de Acção Social do Hospital de São João. E revela a existência de uma dificuldade crescente para atender às solicitações de institucionalização em lar e apoio económico para “pagamento de prestadora de cui-

NÚMEROS

1,8 MILHÕES

As pessoas com 65 e mais anos de idade constituem 17,4% da população residente em Portugal.

3,5 MILHÕES

É a previsão para 2050 do número dos idosos a residir no País, segundo as previsões do gabinete de estatísticas da UE. Mais de um terço da população nacional.

642

Queixas de maus tratos contra idosos recebidas na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, constituindo 8,4% das vítimas.

dados” a pessoas dependentes. Tudo isto, somado às dificuldades de reintegração no meio familiar, origina o aumento do número de doentes que continuam internados apesar de já não necessitarem de cuidados médicos.

Também a coordenadora do Gabinete de Acção Social do Hospital Amadora-Sintra, Adélia Gomes, aponta a “maior demora por parte

da [resposta da] Segurança Social” como justificação para o acréscimo de dias de internamento hospitalar “apenas por motivo social”.

O problema é que faltam lugares na Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados, carência particularmente sentida em Lisboa, onde se regista o “menor rácio de respostas de todo o País”, segundo revela ao DN a coordenadora da rede, Inês Guerreiro (*ver entrevista*).

Com os lares cheios e filas de espera enormes, resta a muitos idosos aguardar no hospital o aparecimento de alguma vaga. “O tempo de entrada numa unidade de média e longa duração chega a ser de quatro a cinco meses e algumas famílias, por não terem condições ou porque não querem, recusam-se a levar os idosos para casa”, desabafa um responsável hospitalar.

Inês Guerreiro reconhece a dificuldade em encontrar respostas no terreno. E que a tendência é para “culpabilizar o outro, seja ele o hospital, a família, a RNCCI ou as instituições de solidariedade social”, mas recorda que até há quatro anos os cuidados continuados constituíam uma valência que se encontrava “fora” do Serviço Nacional de Saúde.

CAUSAS

SOLIDÃO

Um dos casos que ocorre com maior frequência é o de utentes que vivem sós, sem família, e que por um acidente ou qualquer problema de saúde deixam de ter condições para cuidar de si. Neste grupo incluem-se pessoas como a de uma idosa recentemente levada para o Hospital de Beja e que vivia sem quaisquer hábitos de higiene, na companhia de dezenas de cães. “Deveria ter havido uma resposta mais cedo mas foi preciso ser trazida para a urgência do hospital para já não poder sair sem se encontrar uma solução”, diz a assistente social Cristina Nobre.

SOLUÇÕES

Maior acompanhamento dos idosos que vivem sós para garantir uma resposta atempada quando ficam incapacitados. Alargamento e divulgação de serviços de teleassistência.

FAMÍLIAS

As pessoas que coabitam com o doente dependente ou os familiares mais próximos “referem não ter disponibilidade para prestar apoio”, explica Adélia Gomes, coordenadora do Gabinete de Acção Social do Hospital Amadora-Sintra. Por exemplo, nas situações em que o cônjuge que se encontra igualmente dependente ou que os filhos têm uma ocupação profissional que os impede de lhes prestar auxílio. “Trata-se de situações em que o apoio domiciliário se revela insuficiente face às necessidades de suporte social dos utentes em causa.”

Sensibilizar, formar e dar condições às famílias para poderem cuidar dos idosos. Promover mais a conciliação da vida profissional e familiar. Criar centros de acolhimento temporário.

FINANÇAS

Os lares privados cobram mensalidades superiores a 1200 euros, o que impossibilita muitas famílias de recorrer a esta alternativa enquanto o familiar dependente não é encaminhado para uma unidade de cuidados continuados. E, também, não têm meios financeiros para contratar um técnico especializado. Além de que a própria habitação não tem condições para acolher esse familiar. Por norma, os serviços sociais das unidades hospitalares aconselham a exporem a situação e a pedirem apoio junto da Segurança Social na sua área de residência.

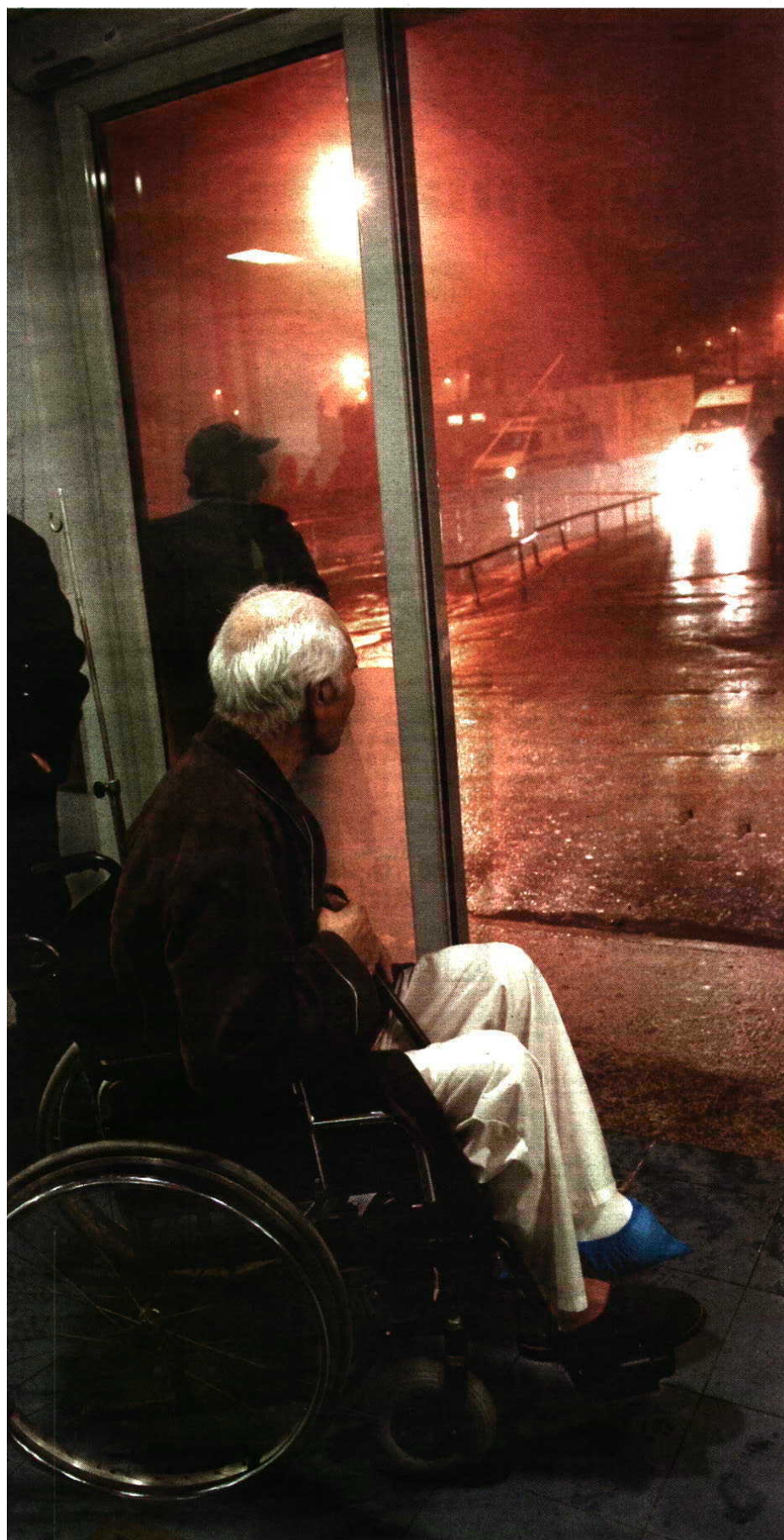
Alargamento dos serviços de apoio domiciliário e criação de mais centros de dia. Implementação de subsídios para as famílias que acolhem os familiares. Mais incentivos fiscais.

ESTRATÉGIA

Os assistentes sociais também denunciam situações em que o hospital acaba por ser uma solução para quem não pode cuidar do idoso e não encontra um lar à medida das suas possibilidades financeiras. E, assim, sabem que os serviços hospitalares acabam por encontrar solução, salienta Sónia Vinagre, assistente social na Associação Nacional de Apoio ao Idoso. Por exemplo, a Casa de Repouso de Coimbra tem 58 utentes e uma lista de espera de mais de 200. E também há casos em que as famílias se desresponsabilizam e não visitam doentes.

Responsabilizar famílias, mais apoios sociais e equipamentos. Hospitais devem procurar soluções fora. Exemplo: Santa Maria paga dez camas numa IPSS para estes casos.

A solidão e a falta de meios e equipamentos são os principais problemas da população idosa



APAV considera abandono uma forma de violência

PROJECTO Apoio à Vítima vai lançar manual de procedimentos para profissionais de saúde. E vai estudar a situação dos mais velhos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a desenvolver um projecto dirigido aos profissionais de saúde e um dos objectivos é estudar a população idosa. Vão dar particular destaque ao "abandono", porque consideram que esta é uma "forma de violência".

"O abandono de idosos é uma realidade que está submersa e só um estudo aprofundado revelará a sua dimensão. Temos conhecimento, vamos falando sobre isso, nomeadamente junto dos hospitais, mas falta um trabalho exaustivo sobre a situação", diz José Félix Duque, dirigente da APAV.

O projecto engloba um manual de procedimentos sobre os crimes de violência e tem o apoio do Montepio Geral e da Direcção-Geral da Saúde.

A APAV é uma das instituições a que recorrem os serviços sociais dos hospitais sempre que detectam casos de negligência ou de maus tratos. "Procuramos dar uma resposta em articulação com outras instituições, mas tendo sempre em vista a decisão da pessoa", sublinha José Félix Duque.

A preocupação com os cuidados prestados aos idosos levou a Associação Nacional de Municípios Portugueses a propor ao Governo a criação de comissões de protecção a nível local. O objectivo é a prevenção dos riscos e dos problemas que afectam os mais velhos. A proposta feita em Maio ainda não teve resposta. C.N.

3 PERGUNTAS A...

"Lisboa tem o maior tempo de espera do País"



INÊS GUERREIRO
Coordenadora
da Rede Nacional
de Cuidados
Cont. Integrados

Onde há maior dificuldade de resposta da Rede de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI)?

Lisboa tem o menor número de lugares de internamento nas unidades de rede porque não tem instituições particulares de solidariedade social (IPSS) e porque a Igreja está fora desta resposta. O grande operador desta área é a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que não está a investir em cuidados continuados. Portanto, em Lisboa, recorremos sobretudo a privados e a algumas IPSS fora da cidade. Temos unidades na Margem Sul, no Montijo e em Setúbal. E cuidados paliativos no Barreiro e pouco mais. **Confirma que o tempo de espera para internamento na RNCCI chega a atingir os 4 ou 5 meses?**

Lisboa tem o maior tempo de espera do País. É correcto dizer-se que um doente tem de esperar três ou quatro meses. Além do que referido, está também a aumentar a procura deste tipo de cuidados. Quando não havia nada, as pes-

soas nem sequer se sentiam com direito à continuidade de cuidados a nível de reabilitação e reeducação das capacidades para poderem voltar a casa. As pessoas iam directamente dos hospitais para casa, sem passar por nenhum nível de cuidados intermédios que lhes devolvesse as capacidades perdidas. Daí que os hospitais portugueses fossem dos que tinham mais readmissões a nível europeu.

Pode falar-se em demissão de algumas famílias face à responsabilidade de cuidar de pessoas dependentes?

É muito simplista analisar um fenómeno tão complexo e arranjar um bode expiatório. Temos de ver que 90% dos nossos dependentes estão em casa. É normal que numa sociedade em mudança, cada vez mais competitiva, na qual as pessoas para conservarem o seu emprego têm de ter horários rigorosos e uma enorme capacidade de sobrevivência, as pessoas dependentes, sejam idosos, crianças ou deficientes, constituam um peso enorme. E há outro aspecto: as famílias mudaram, deixaram de ser alargadas para passar a ser apenas pais e filhos. Cada vez mais o peso de uma pessoa dependente que exige o sacrifício de um elemento da família, normalmente a mulher, leva a que as pessoas se sintam com direito de exigir ao Estado que as apoie.



ID: 31960513

21-09-2010 | Saúde Jornal

Idosos também são vítima

Têm normalmente mais de 75 anos, estão diminuídos fisicamente e dependem de familiares mais jovens, os mesmos que os maltratam. As situações conhecidas são apenas a ponta de um enorme icebergue

Andrea Trindade

■ Depois de um vida emigrado em França, um homem da Beira decide regressar à sua aldeia natal, para ali acabar os seus dias, feliz e tranquilo. Despedindo já dos bens materiais, passa o património assinalável – resultado de longos anos de trabalho – para o nome dos seus filhos, com o acordo de que os mesmos lhe enviariam uma pequena quantia mensal para suportar a modesta vida de campo e eventuais despesas de saúde. Mas a memória dos seus descendentes não iria além de escassos meses. Esqueceram o apoio monetário, como as visitas ao pai e avô. Velho, doente, abandonado e deprimido, coloca um fim à sua vida, mas não sem antes garantir que deixava uma quantia de dinheiro suficiente para alguém lhe fazer o funeral.

Recordada no VIII Curso Pós-Graduado sobre Envelhecimento por Duarte Nuno Vieira, esta é uma história de contornos reais e que espelha os maus tratos a idosos, ou aquilo que hoje se entende por abusos. Abusos que podem ser a violência física (a menos frequente), a humilhação, a utilização indevida de bens da pessoa, a negligência (a negação de cuidados, de medicação ou alimentação adequada), a falta de respeito para com a vontade individual do idoso. É uma história apenas e tantas outras, infelizmente piores, existirão, como admitiu o presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal (INML), convidado a falar sobre o tema numa reunião pro-



FOTOS: D.R.

1,8 MILHÕES de pessoas com mais de 65 anos em Portugal

movida, na sexta-feira, pelo Serviço de Medicina Interna dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) e pela Cadeira de Geriatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC).

Os abusos nos idosos são hoje uma problemática reconhecida em todos os países e têm suscitado numerosos estudos, com os Estados Unidos a assumirem a liderança na investigação. Em Portugal começam agora a surgir os primeiros estudos de incidência e prevalência dos maus

tratos em idosos. «A nível internacional, as investigações publicadas apontam para uma incidência de quatro a 10 por cento de abusos em pessoas com mais de 65 anos, sendo quatro por cento de abuso severo», revelou o especialista de Medicina Legal.

«A acreditar nas estatísticas, um em cada 25 idosos é vítima de abusos e os colegas que contam com doentes idosos devem pensar que por 50 que lhes passem pelas mãos, dois doentes estão a ser vítimas de abuso», alertou Duarte Nuno Vieira,

lembrando que, como em outras situações de violência familiar, «os casos conhecidos representam apenas a ponta do icebergue» e que os casos assinalados são uma ainda mais pequena parte do que é visível.

Na mesma reunião, realizada no auditório dos HUC, Maria João Quintela, responsável na Direcção-Geral de Saúde pelo programa de políticas de saúde para os idosos, admitiria, já com base nas investigações em curso nas universidades portuguesas, «25 por cento de prevalência de

abuso e violência contra pessoas idosas em Portugal, o que inclui violência física, abuso financeiro, entre outras formas de maus tratos».

Realidade escondida

Nos últimos 20 anos, muita coisa mudou no que toca à problemática dos maus tratos a idosos, da própria designação à abrangência do conceito e ao cada vez maior número de pessoas com mais de 65 anos, as potenciais vítimas, mas não avançamos ainda muito na quantificação

Campanha da APAV dará o grito de alerta

■ Maria João Quintela, coordenadora do programa de políticas de saúde para os idosos, revelou que está a ser delineada uma estratégia de prevenção da violência sobre os idosos e que, já no dia 7 de Outubro, terá início uma campanha de sensibilização desenvolvida com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). «Apresentámos ao gabinete da ministra da Saúde uma proposta de programa para a prevenção da violência contra as pessoas idosas e a 7 de Outubro a campanha da APAV vai lançar o debate sobre este assunto», adiantou sexta-feira, na mesa de encerramento do curso pós-graduado sobre envelhecimento.

dos abusos, considerou Duarte Nuno Vieira.

«A população idosa é, indistintamente a que mais tem aumentado. A esperança média de vida é notável na União Europeia e, em Portugal, a pirâmide populacional vai-se inverter por completo em 2050. O grande contingente de população será de idosos, o sector mais frágil e vulnerável, passível a abusos e maus tratos», declarou.

s de maus tratos

No retrato português – idêntico a de outros países europeus –, Duarte Nuno Vieira lembrou ainda que as mudanças sociais ocorridas no último século retiraram a mulher de casa, onde tratava dos mais novos e dos mais velhos, para a colocar no mercado de trabalho, que as populações se mudaram em massa para os grandes centros urbanos e que os casais têm uma descendência cada vez menor. «O paradigma dos mais novos tratarem dos mais velhos alterou-se».

Quanto idosos sofrem de abusos e como os identificar, são as questões que se colocam. «A quantificação é particularmente difícil porque tanto o agente como a vítima tendem a negar a situação ou, pelo menos, a minorar a sua gravidade, ao contrário do que acontece em outras áreas da violência doméstica», sustentou o responsável do INML, lembrando que o agente é, muitas vezes, um familiar (descendente ou cônjuge) de quem o idoso depende e que é «humilhante para a vítima» admitir que lhe está a infligir maus-tratos.

Duarte Nuno Vieira acrescenta, por outro lado, que «os profissionais de saúde, porventura menos sensibilizados e menos vocacionados para a problemática – até há pouco tempo escassamente abordada nas faculdades –, tendem a minimizar as queixas, e o acesso difícil às residências onde estão os idosos dificulta ações de rastreio».

Quem são os abusadores?

Um familiar – filho, neto ou cônjuge – que na maioria dos casos vive com a vítima, que cuida dela há vários anos e para quem o idoso representa uma fonte significativa de preocupação, por vezes agravada com problemas de saúde, financeiros ou profissionais do próprio cuidador. O próprio agente de abuso pode ser considerado uma vítima, pela pressão acrescida a que esta sujeito, pela falta de apoio comunitário, pela escassez de respostas e estruturas estatais (por exemplo, não existe redução de horário laboral para quem tem idosos a cargo).

Os serviços de saúde também podem ser agentes de maus tratos, quando recusam a admissão de idosos, quando não reco-



Sinais que não devem passar despercebidos

■ São hoje conhecidos os fatores predisponentes de abusos em idosos (dependência, falta de laços intensos, doença familiar, escassez de recursos económicos, psicopatologia do agente, falta de apoios sócio-comunitários), os indicadores de situação potencial que devem pôr o profissional de saúde em alerta (deterioração súbita das condições do idoso, sentimentos de frustração expressos pelos familiares, etc.) e os indicadores do ponto de vista físico e comportamental (lesões sem história de trauma, explicações incompatíveis com os achados clínicos, demora inexplicável na procura de cuidados médicos, evidências de restrição física,

alterações no relato). «Há sinais de alerta que já se começam a ensinar, felizmente, nas faculdades, que os profissionais de saúde têm obrigação de dominar e reconhecer, e perante os quais devem actuar», considerou Duarte Nuno Vieira.

Com um conjunto vasto de informação disponível e critérios estabelecidos, «as dúvidas e as angústias colocam-se no diagnóstico e na etiologia médico-legal das lesões, no saber se a lesão foi infligida por alguém ou se é accidental, por exemplo». Assim, tão importante como a análise dos achados físicos é a análise da história, das discrepâncias e das explicações. «Vai ser sempre aquela sensação de que “alguma coisa não está bem” a fornecer a primeira pista, a suscitar interrogações que vão levar à confirmação absoluta e à denúncia», declarou o especialista de Medicina Legal.



nehem as especificidades do seu tratamento, quando abusam da medicação ou não respeitam as suas mentalidades. A sociedade, com ausência de planos globais e integrados para cuidar de uma cada vez mais significativa parte da nossa população, e o Governo, por não ter ainda conseguido uma planificação adequada dos cuidados sociais e de saúde para idosos, de unidades específicas para os acolher, de recursos humanos articulados e de um apoio domiciliário eficaz, podem também ser considerados agentes de abuso, no entender de Duarte Nuno Vieira.

O presidente do INML lembrou que os abusos nos idosos são em todo idênticos aos abusos de menores, «não são acontecimentos isolados, mas frequentes e de repetição em cerca de 80 por cento dos casos». No entanto, o número de denúncias e casos detetados, bem como as consequências são diferentes. «Hoje em dia, em termos internacionais, um em cada três casos de abusos em crianças chega ao conhecimento da Justiça, enquanto nos abusos em idosos, e nas melhores estatísticas, apenas um em cada nove casos chega ao domínio público e é denunciado», declarou Duarte Nuno Vieira, sublinhando a importância do investimento em programas de prevenção do abuso, de sinalização e intervenção. |



Maus tratos a idosos cresceram 120 por cento

Por **Redacção**

Entre o ano 2000 e o de 2009, o número de idosos vítimas de maus tratos passou de 290 para 639 – números que representam um crescimento de 120 por cento.

Os dados constam no mais recente relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que se prepara para lançar, no próximo dia 7 de Outubro, uma campanha de sensibilização para o problema. Maria de Oliveira, da APAV, explicou ao *Público* que este fenómeno apresenta uma «tendência de crescimento» que reflecte a falta de preparação das famílias para cuidarem dos seus idosos.

«É importante que as pessoas percebam o que é envelhecer e que estejam preparadas para alguns quadros de depressão e de demência que podem acontecer aos seus familiares. A pirâmide etária está a inverter-se e vamos ter cada vez mais idosos e pessoas mais velhas a tratar deles que não estão preparadas e que reagem por exaustão e por não terem capacidade e distância emocional. É o chamado "stress do cuidador"», disse.

09:18 - 24-09-2010



Há ainda 5% de portugueses que consideram a violência doméstica contra a mulher aceitável em qualquer ou em todas as circunstâncias

Violência doméstica é "comum" em Portugal

Eurobarómetro revela que 86% dos inquiridos têm essa percepção

CÉLIA MARQUES AZEVEDO
Correspondente em bruxelas
sociedade@jn.pt

A grande maioria dos portugueses acha que a violência doméstica contra as mulheres é "comum" em Portugal e um quinto conhece alguém que foi vítima de violência em casa ou que praticou algum tipo de agressão contra uma mulher.

Num inquérito realizado pelo Eurobarómetro em toda a Europa, 18% dos abordados portugueses disseram que conheciam, no círculo da família e amigos, alguém que "submeteu" uma mulher a qualquer forma de violência doméstica. A percentagem sobe para 21% quando a questão é colocada pelo

ângulo da vítima. Já em termos europeus, um em cada quatro afirma haver alguma mulher no seu entorno familiar ou convivial que foi alvo de agressão.

"De uma forma geral", 86% dos inquiridos nacionais pensam que a violência doméstica é "comum" em Portugal, uma das percepções mais elevadas em toda a União Europeia, só superada pelo Reino Unido, pela França e pela Itália. A média comunitária ficou em 78%, com mais mulheres do que homens a acharem que as agressões contra as mulheres são "muito comuns" (32% contra 22% de respostas masculinas).

A grande maioria dos inquiridos em todos os países acha que a vio-

lência contra as mulheres é "inaceitável" (88% em Portugal), mas divergem quanto a considerar que deveria ser punida por lei (7% da amostra portuguesa). A Finlândia é o país onde mais pessoas (32%) acham que não deve ser aplicada qualquer pena contra agressores de mulheres e só 67% entendem que em qualquer circunstância os praticantes de violência devem ser penalizados. Do lado oposto, há 5% de portugueses que consideram "aceitável" em algumas ou todas as circunstâncias a agressão a mulheres. Na Itália e na Eslováquia, a percentagem é idêntica à portuguesa e na Bélgica e na Roménia sobe aos 6% dos inquiridos, em cada país.

Das diferentes formas de agressão, a violência física, sexual ou psicológica são as consideradas "mais graves", quer por portugueses quer por europeus, seguidas da restrição à liberdade de movimentos e da ameaça de agressão.

O Eurobarómetro sobre a violência doméstica contra as mulheres foi realizado a partir de 26 800 entrevistas directas em todos os estados-membros, 1032 das quais em Portugal, entre 27 de Fevereiro e 15 de Março deste ano.

Os resultados serviram de base à Comissão Europeia para elaborar a estratégia comunitária sobre a igualdade do género para os próximos cinco anos. ■

Números

29 MULHERES ASSASSINADAS
Em 2009, 29 mulheres foram assassinadas por homens com quem tinham relações de intimidade. Há, ainda, registo de outras 28 que sofreram tentativas de homicídio, segundo dados do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. Em relação a 2008, foram assassinadas menos 17 mulheres.

AUTORES SÃO MARIDOS
Em 62% dos crimes concretizados, os autores foram maridos, companheiros ou namorados e os restantes foram perpetrados por homens com quem as vítimas já tinham terminado as relações.

MAIS CRIMES NO VERÃO
Dos 23 crimes de violência conjugal cometidos este ano, 16 foram perpetrados desde 21 de Junho, confirmando-se, assim, a tendência já registada nos anos anteriores de aumento deste tipo de crime no Verão.

Flash

TERESA ROSMANINHO
PSICÓLOGA E RESPONSÁVEL DA SOROPTIMIST INTERNATIONAL CLUBE DO PORTO



"Grande trabalho de sensibilização"

A grande maioria (86%) dos portugueses considera comum a violência doméstica contra as mulheres. Como interpreta estes dados?

Espelham a realidade. Infelizmente, ainda é uma realidade muito comum no nosso país. A consciencialização do fenómeno é positiva, desde que não signifique aceitação.

Dos inquiridos, 88% defendem que a violência doméstica deve ser sempre punida. Os portugueses estão mais sensíveis a este assunto?

Sim e é resultado de um grande trabalho de sensibilização pelas organizações não-governamentais e pela Comunicação Social e, também, das medidas do Governo. Recorde-se que, há dez anos, não havia estatísticas e não era crime público.



INQUÉRITO Eurobarómetro questiona sobre violência doméstica

Violência sexual é razoavelmente grave para 26% dos lusos

GETTY



Portugal é um dos países onde, apesar de tudo, há hoje mais consciência dos problemas de violência

Portugal é um dos nove países com mais gente a não considerar violência sexual muito grave.

CARLA MARINA MENDES
cmendes@destak.pt

⊙ O tema está na ordem do dia aquém e além fronteiras. Por isso, não é de estranhar que a Comissão Europeia tenha decidido inquirir os europeus sobre o que pensam da violência doméstica que vitima muitas mulheres na União Europeia (UE). E os portugueses destacam-se como um dos países onde mais

pessoas consideram a violência sexual apenas «razoavelmente grave», em oposição à esmagadora maioria de outros cidadãos, que a definem como «muito grave».

O facto é, de resto, salientado no documento, que refere que são nove os países onde mais de 20% das pessoas classificam desta forma este tipo de violência. Portugal está então ao lado da Lituânia, Letónia, Polónia, Eslovénia, Roménia, Estónia, Hungria e ainda Áustria.

Ainda assim, 72% dos lusos consideram que a violência sexual é «muito grave», menos do que os 79% que assim a classificavam, em 1999, num inquérito semelhante.

Do físico ao psicológico

Ao todo, 78% dos lusos considera muito grave a existência de casos de violência física, a que se juntam 63% que defendem o mesmo para as situações de abuso psicológico.

Maior consciência entre portugueses

● O documento assinala que, por cá, se verificaram «mudanças significativas» na percepção das leis referentes à violência doméstica na última década, o que é, «sem dúvida, reflexo de iniciativas governamentais para aumentar a consciência», prevenir e proteger.



Violência Cônjuges e filhos representam metade dos agressores

Vinte e dois por cento dos casos referem-se agressões físicas

PAULO PIMENTA



Maus tratos a idosos mais que duplicaram

Queixas de agressões aos mais velhos têm vindo a aumentar nos últimos anos. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima arranca em Outubro com campanha de sensibilização

Romana Borja-Santos
e Natália Faria

● O número de pessoas idosas vítimas de crimes passou de 290, em 2000, para 639, em 2009, o que representa um aumento de 120 por cento. Os dados são do último relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) publicado este ano. Segundo Maria de Oliveira, da APAV, mantém-se uma “tendência de crescimento”, que, apesar de denotar que as pessoas denunciam mais estas situações, reflecte ainda a falta de formação e de preparação das famílias para cuidarem dos seus idosos. Aliás, 22 por cento dos crimes dizem respeito a maus tratos físicos e 25 por cento a psicológicos, sendo que, em metade das situações, o agressor é o cônjuge ou um filho.

Maria de Oliveira avançou ao PÚBLICO que a APAV vai lançar já no próximo dia 7 de Outubro uma nova campanha que visa sensibilizar a sociedade e os profissionais para a importância de se estar mais atento e

de se prevenir a violência nesta faixa etária e que aproveita a efeméride de 1 de Outubro, Dia Internacional do Idoso. “É importante que as pessoas percebam o que é envelhecer e que estejam preparadas para alguns quadros de depressão e de demência que podem acontecer aos seus familiares. A pirâmide etária está a inverter-se e vamos ter cada vez mais idosos e pessoas mais velhas a tratar deles que não estão preparadas e que reagem por exaustão e por não terem capacidade e distância emocional. É o chamado ‘stress do cuidador’.”

A campanha terá alguns spots, acções de formação que vão decorrer paralelamente e um manual de procedimentos, mas Maria de Oliveira defendeu que a solução passa pelo alargamento da rede de cuidados. Uma opinião partilhada pela responsável pela área do idoso da Provedoria de Justiça, Teresa Cadavez, que entende que a situação justifica um aumento das respostas institucionais, nomeadamente porque “as listas de espera para os lares são grandes e as

respostas muitas vezes não são tão rápidas quanto seria necessário”.

Num balanço, Teresa Cadavez informou que, desde o início do ano, a Linha do Cidadão Idoso recebeu 176 queixas de maus tratos físicos e psicológicos e 79 denúncias de abandono, o que representa um aumento de 40 por cento e de 25 por cento face a 2009, respectivamente. Ainda segundo Cadavez, os maus tratos ocorreram em ambiente familiar. “Os agressores são quase sempre familiares, na maior parte dos casos os próprios filhos”, especificou, para acrescentar que, numa percentagem significativa das situações, “são os vizinhos que telefonam a denunciar”. O que diz poder ser sinal tanto de um aumento efectivo de casos como



Segundo as contas do padre Lino Maia, “haverá à volta de 15 mil idosos em lista de espera para entrar num lar”

de mais sensibilização. Muitos dos maus tratos reportados são de “familiares que ficam com o dinheiro das pensões”.

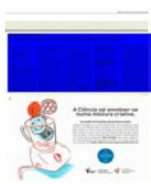
Quinze mil à espera de lar

Nas contas do presidente da Confederação das Instituições de Solidariedade Social (CISS), Lino Maia, “haverá à volta de 15 mil idosos em lista de espera para entrar num lar”, descontadas já as situações de dupla ou tripla inscrição. Esta situação deverá melhorar ligeiramente nos próximos três anos, quando abrirem portas os lares que estão a ser construídos ao abrigo do Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais. Mas não ficará resolvida, segundo Lino Maia, enquanto não for agilizado o processo de licenciamento destes equipamentos. Lino Maia recusou, contudo, estabelecer qualquer paralelo com a crise económica. “A única coisa que é clara para nós é que, depois das férias, há sempre um ligeiro aumento dos casos de abandono por parte de familiares que recorrem

ao lar por um mês e que depois não aparecem.”

Também António Mariano, que até ao ano passado esteve à frente da Associação de Apoio Domiciliário de Lares e Casa de Repouso, reconheceu que “as coisas estão a complicar-se muito” por falta de resposta das instituições públicas e por “medidas cegas” como “o fim da comparticipação de medicamentos a 100 por cento para pensionistas carenciados e que vão precisar de continuar a tratar-se”. O responsável explicou que o número de famílias a tirar os idosos de lares é “residual”, mas disse que há muitas a desistirem das listas de espera.

Já o presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, Pedro Lopes, salientou que, “com o envelhecimento da população e com a situação económica, houve uma ligeira tendência para as situações de abandono nos hospitais ou de adiamento da alta crescerem”. O PÚBLICO tentou ouvir o presidente do Instituto da Segurança Social, Edmundo Martinho, sem sucesso.



Resultados do estudo Abuel

Portugueses lideram queixas de abusos financeiros

Andrea Cunha Freitas

Um estudo sobre violência que decorreu em sete países revela que mais de 27 por cento dos idosos em Portugal são vítimas de algum tipo de abuso

● A investigação chama-se Abuel (*Abuse of Elderly in Europe*) e envolveu mais de cinco mil pessoas com mais de 64 anos, residentes em Portugal, Grécia, Itália, Lituânia, Alemanha, Espanha e Suécia. “Não estamos muito mal. Estamos mais ou menos a meio da tabela. Não somos os piores”, conclui Henrique Barros, coordenador da equipa do Serviço de Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto que foi responsável pelo estudo no nosso país. Porém, o especialista é forçado a corrigir a avaliação porque, afinal, há um campo

onde Portugal revela ser o pior dos sete países. “Somos os campeões das vítimas de violência financeira”, lamenta, constatando que 7,8 por cento dos idosos inquiridos declararam este tipo de abuso.

A tabela geral inclui os vários tipos de violência contra idosos, desde a física e a psicológica à financeira e a sexual. No primeiro lugar desta lista de abusos em sete países europeus encontra-se a Suécia com 30 por cento de prevalência, seguida pela Alemanha (30,4 por cento), Portugal (27,6 por cento) e Lituânia (26,2 por cento). Os valores mais baixos foram registados na Itália, Espanha e Grécia, com 12,7 por cento, 14,5 por cento e 15,7 por cento, respectivamente. O facto de as mais elevadas taxas de violência se encontrarem nos países nórdicos não surpreende o coordenador do estudo em Portugal. “Por um lado, podem estar mais isolados e mais sozinhos. Mas, mais importante, julgo que têm uma melhor percepção do

que é violência, valorizando-a mais e, assim, declaram-na mais”, justifica Henrique Barros.

As surpresas, nota, terão surgido com a revelação de outros dados como a ausência de uma relação entre o consumo de tabaco e álcool e as experiências de abusos. A forma mais comum de violência em todos os países foi o abuso psicológico, com 19,4 por cento. O segundo lugar é ocupado pelo abuso financeiro, com 3,8 por cento, ao que se segue o físico, com 2,7 por cento, e o sexual, com menos de um por cento. Portugal destaca-se no abuso financeiro, com um valor bastante acima da média, registando 7,8 por cento. Portugal, Grécia e Lituânia são também os países onde são relatadas mais queixas de depressão na população idosa.

Henrique Barros sublinha que este estudo foi realizado com base numa autodeclaração dos idosos inquiridos que viviam sozinhos ou com familiares. Aliás, o epidemiologista confir-

Os números

27,6%

dos idosos em Portugal já foram vítimas de violência (psicológica, física, sexual ou financeira)

7,8%

dos portugueses com mais de 64 anos foram alvo de violência financeira, um dado que coloca o país no topo de uma tabela com dados de sete países europeus

ma que também aqui se verifica uma tendência observada noutros tipos de violência, com os familiares a ser apontados como os principais agressores. “Normalmente, os agressores são os filhos”, refere. O especialista desvaloriza a circunstância de o estudo ter sido realizado apenas com população residente no Porto. “Teríamos os mesmos resultados em qualquer outra cidade”, afirma, assegurando que a amostra é representativa. Aos idosos foi perguntado se foram vítimas de violência no último ano (neste caso, 2008). Porém, foi também feita a pergunta relativa a abusos ao longo da vida. No caso de violência psicológica, por exemplo, 60 por cento dos idosos portugueses revelaram já ter sido vítimas nalgum momento. De resto, o especialista nota que os homens são mais vítimas do que as mulheres, que a violência diminui à medida que a idade aumenta e que, muitas vezes, as vítimas acumulam várias formas de abuso.